

CHARGE E CARTUM: DIÁLOGOS ENTRE O HUMOR E A CRÍTICA

Paraguassu de Fátima Rocha ¹

RESUMO

Neste trabalho serão abordados os gêneros textuais, charge e cartum. O objetivo é demonstrar como, através do humor, o artista transmite sua visão dos acontecimentos diários, possibilitando ao leitor construir um pensamento reflexivo e crítico a respeito da realidade política e social que o cerca. Num primeiro momento, apresenta-se a caracterização dos gêneros textuais, conforme proposto por Marcuschi. Na abordagem da charge e do cartum, serão observadas suas origens e funcionamento, suas especificidades e características principais, procurando relacionar os dois gêneros ao contexto sócio-cultural recente, já que esses representam uma expressão da cultura e, por sua riqueza e complexidade, complementam os demais gêneros. Com base nos fundamentos teóricos de Charles Bazerman, será analisada também a construção do humor através da intertextualidade que ocorre pelo aproveitamento de frases feitas, provérbios, da utilização de recursos linguísticos comuns a determinados grupos sociais e a recontextualização do discurso.

Palavras-chave: Charge; Cartum; Humor; Crítica.

ABSTRACT

The textual genres, political cartoon and cartoon, will be analyzed in this work. The aim is to demonstrate, how, through humor, the artist shows his vision about daily facts, enabling the reader to build a reflexive and critical thoughts concerning to political and social reality that surrounds him. At the first time, the genres will be presented according to Marcuschi's proposal. The origins and performance, as well, their specificities and main characteristics will be observed in the cartoon's texts' approach, in order to relate both genres to the recent social and cultural context, since cartoon's texts represent a cultural manifestation and, by their riches and complexity, they complement the other genres. According to Charles Bazerman's theories, the humor construction through intertextuality that occurs by the use of done sentences, proverbs, linguistic resources, particular to specific social groups, and the speech's recontextualization will be analysed in this work.

Key words: Political cartoon; Cartoon; Humor; Criticism.

¹ Mestre em Teoria Literária e professora da Uniandrade, contato por e-mail fatimarocho@hotmail.com

INTRODUÇÃO AOS GÊNEROS TEXTUAIS

Ao longo de sua história, o homem precisou criar formas para a comunicação. O processo simbólico da fala, da escrita e da imagem possibilitam, além da troca de informações, a interação social. Os gêneros textuais surgiram dessa necessidade e fazem parte de estudos acadêmicos desenvolvidos, em sua maioria, por professores e pesquisadores que, através de artigos, dissertações e teses procuram elucidar a questão de sua definição com base em teorias existentes ou ainda com o intuito de caracterizá-las como objeto de aplicação no ensino da Língua Portuguesa.

Essa preocupação fundamenta-se nos diferentes usos da linguagem e a compreensão da realidade, ou segundo Bakhtin, citado por Meurer (1998), a pesquisa e o ensino da linguagem baseados em estudos sobre gêneros textuais são importantes em primeiro lugar, pelo simples fato de que não nos comunicamos através de modalidades retóricas, nem mesmo através de textos em geral, mas sim através de gêneros textuais específicos.

Já na antiguidade, Aristóteles e Platão preocuparam-se com os estudos dos gêneros textuais. Aristóteles voltou-se para a discussão do épico, do lírico e do dramático como formas genéricas, enquanto Platão descreveu o gênero ficcional do diálogo e, a partir de então, estudiosos da linguagem vêm se preocupando em elaborar uma tipologia específica.

Segundo Brandão (2003, p. 19) esse estudo “tem interessado tanto à história da retórica quanto às pesquisas contemporâneas da poética e semiótica literária e as teorias linguísticas atuais”, o que justificaria a grande variedade de termos hoje utilizados, tais como, gêneros, tipos, modos, modalidades de organização textual, espécies de termos e de discurso.

Define-se gênero textual como uma maneira de comunicar ideias e transmitir informações de acordo com o momento histórico e social, objetivando construir uma cultura. Porém, para os cientistas da linguagem existem diferentes visões sobre a questão do gênero. Para Bakhtin, citado por Marcuschi (2002, p. 29), os gêneros são tipos ‘relativamente estáveis’ de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana, pois se encontram numa transformação contínua. Marcuschi ao analisar os gêneros textuais, acrescenta que esses:

Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (Marcuschi, 2002, p. 19)

É grande o número de gêneros textuais conhecidos, pois esses surgem a partir da evolução de vários níveis da comunicação humana, podendo ou não serem reconhecidos pelo usuário, conforme argumenta Bronckart. Para ele,

[...] a organização dos gêneros apresenta-se, para os usuários da língua, na forma de uma nebulosa, que comporta pequenas ilhas mais ou menos estabilizadas (gêneros que são largamente definidos e rotulados) e conjunto de textos com contornos vagos e emintersecção parcial (gêneros para os quais as definições e os critérios de classificação ainda são móveis e divergentes). (BRONCKART, 1999, p. 74).

Neste trabalho, no entanto, busca-se caracterizar dois gêneros já conhecidos no sentido de ampliar sua aplicação e compreensão no ensino de Língua Portuguesa.

Partindo-se do princípio de que os textos a serem trabalhados em sala de aula devem ter como base os gêneros textuais, comunga-se com Marcuschi da ideia de que o uso dos gêneros textuais pode levar os alunos a produzirem ou analisarem eventos linguísticos diversos, sejam eles orais ou escritos, identificando as características de gênero em cada um. É um exercício que, além de instrutivo, permite também praticar a produção textual.

Os gêneros aqui analisados possibilitam ao aluno atuar no contexto sócio-histórico-cultural do qual faz parte. É por meio da leitura eficiente dos textos do cotidiano que o leitor vai se tornar capaz de perceber as mensagens implícitas nos textos e estabelecer críticas eficazes para proporcionar mudanças no contexto em que se encontra. O trabalho com a linguagem visual desenvolve a capacidade de interpretação de um novo tipo de signo, uma vez que o aprendiz estava habituado a trabalhar com uma linguagem formal e rígida, diferente da linguagem visual que apresenta signos articulados, conforme salienta Almeida:

A linguagem icônica, por sua vez, flexibiliza a articulação do signo visual. O Significante não é identificado a uma estrutura formal rígida, composta por Unidades mínimas isoláveis. As próprias características “articulatórias” Mais evidentes dos significantes visuais (comprimento, espessura, nitidez,

contraste, cor etc.) não são objeto de um consenso como os fonemas. Não se estabelece, a partir delas, um jogo de oposições binárias ou radicais (espesso x não espesso; comprido x não comprido); não oscilam entre o *sim* e o *não*. Ao contrário, deslocam-se do *mais* para o menos e vice-versa. Não são, portanto, traços distintivos. (ALMEIDA, 1999, p. 26)

Naturalmente, não se pode trabalhar isoladamente com esses gêneros, pois eles dependem de outro texto ou informação prévia para serem compreendidos, ou seja, estão ligados intrinsecamente a outro texto. Ao analisar um cartum ou uma charge, por exemplo, o aluno deve ser levado a conhecer os fatos que os originaram, além de produzir seus próprios textos com base nessa análise.

A ORIGEM DA CHARGE E DO CARTUM

Ao iniciar-se este estudo, percebeu-se que existem dificuldades na distinção entre os gêneros ora analisados, dificuldades essas que podem ser explicadas pela generalização, ou seja, pelos traços básicos que os textos têm em comum: a visualização e o humor. Tanto o cartum como a charge, além de provocarem o riso por seu conteúdo, podem ser ricos e complexos como os demais gêneros textuais, ambos atraindo a atenção do leitor ao transmitirem, através de imagens um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos.

O cartum e a charge são subdivisões da caricatura. Segundo Rabaça & Barbosa em *Diário da Comunicação*¹ (p. 7), a caricatura é “uma forma de arte que se expressa através do desenho, da pintura, da escultura, etc., e cuja finalidade é o humor.” O cartunista Fernando Moreti, citado por Marcuschi (2001, p. 197) define a caricatura como “deformação das características marcantes de uma pessoa, animal, coisa, fato, podendo ser usada como ilustração e uma matéria”, ou seja, no ato de caricaturar, o artista pretende salientar algumas das características do objeto de sua arte, como no exemplo a seguir:

¹ RABAÇA, Carlos Alberto. BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/18592221/Dicionario-de-Comunicacao>.



Figura 1. O PASQUIM 21. 36^a sem. de 2003 (set) p. 6

No contexto sócio-cultural, a charge é um gênero discursivo que lida com o repertório imediato, operando com a seleção e combinação de elementos para criar uma cena. Por ser temporal, depende da visão de mundo do leitor para ser reconhecida, além de tratar necessariamente de assuntos atuais. Para os autores do Dicionário de Comunicação (p. 10) é um tipo de cartum “cujo objetivo é a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política”, e ainda consoante a definição encontrada no Novo Manual de Redação da Folha de São Paulo, “um desenho humorístico de caráter político que não depende do texto que a explique”. Silva define charge como:

O termo charge é francês, vem de charger, carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (uma carga de cavalaria). Este tipo de texto tem caráter temporal, pois trata do fato do dia. [...]. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais, revistas e na Internet. Portanto, ampla poderá ser a leitura interpretativa por nela se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia. (SILVA, 2004, p. 13)

A charge transmite sempre uma piada, com ou sem palavras e pressupõe que o leitor a complemente, supondo um começo e um desfecho temporais que normalmente não se encontram ali desenhados. O efeito da charge reside na capacidade do seu criador em transmitir seus pensamentos através de imagens ou palavras, cabendo ao leitor decifrar a mensagem original e complementá-la de acordo com a sua visão de mundo. Pagliosa entende que:

Para a formalização do humor na charge, criam-se espaços mentais decorrentes das leituras de mundo que o indivíduo faz no decorrer de toda a sua existência. Dessa forma, a mesclagem é uma moldura teórica que envolve inúmeras operações que combinam modelos cognitivos dinâmicos em uma rede de espaços mentais. O processo de mesclagem decorre essencialmente do mapeamento das projeções e da simulação dinâmica para desenvolver a estrutura emergente e para proporcionar novas redes conceituais. (Pagliosa, 2005, p. 156)

Além dos aspectos acima descritos, há que se considerar o gênero charge como atualmente se apresenta, ou seja, deixou de ser veiculado apenas na mídia escrita para fazer parte dos telejornais e da internet, provas de vestibulares, apostilas e livros ocasionando um hibridismo entre a oralidade e a escrita. A mistura dessas modalidades promove a integração entre signos verbais, sons – é possível identificar a voz do personagem retratado na charge – e movimento e, através da internet, verificar-se um processo de interação entre o seu usuário e o conteúdo visualizado.

O cartum surgiu depois da charge e caracteriza-se por ser uma ilustração humorística, contendo ou não uma caricatura, que narra com poucos detalhes uma anedota, com o objetivo de estabelecer crítica política, esportiva, religiosa ou social, podendo ter balões ou legendas, cuja seqüência de quadros não é obrigatória. Foi somente a partir do século XX, que o cartum, do inglês, cartoon, cuja denominação deveu-se ao papel cartão no qual os desenhos eram feitos, passou a apresentar características próprias, tais como, seqüências de quadros com o mesmo personagem, diálogos, onomatopéias e elementos paralinguísticos. Para Patati e Braga (2006, p. 12), “o advento da imprensa popular industrializada, nos Estados Unidos, deu mais agilidade ao desenho enquanto comentário voluntário ou mesmo involuntário da realidade”.

Para o cartunista Chico Caruso, o cartum focaliza uma realidade genérica e sua capacidade de compreensão é muito maior, o que lhe confere um caráter atemporal, ou seja o cartum não envelhece. A figura a seguir caracteriza um exemplo clássico dessa realidade genérica, pois independente do título “Seca”, os elementos que compõem o cenário do desenho remetem a um problema que assola a região nordeste brasileira. Tal fato impossibilita o trato com o solo, levando o nordestino a se aventurar em novas frentes de trabalho: resta-lhe somente espanar

o pó das ferramentas abandonadas, formalizando-se, dessa forma, através do humor, a crítica à realidade social.



Figura 2. Brasil 2000. Edgar Vasques. O Interior, 30/11/85

Com base nas considerações acima, o Quadro 1 sumariza os gêneros analisados, levando-se em conta as características fundamentais que os diferenciam.

CHARGE	CARTUM
<ul style="list-style-type: none"> • Crítica humorística de um fato ou acontecimento político • Não depende de um texto explicativo. • Repertório imediato. • Temporal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ilustração humorística com o objetivo de estabelecer crítica política • Pode ou não conter uma caricatura • Focaliza uma realidade genérica. • Atemporal.

Quadro 1 – Características da Charge e do Cartum

O termo intertextualidade foi cunhado por Julia Kristeva (1974, p. 60) como a transposição de um ou (vários) sistema (s) de signos em outro, pois qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação dum outro texto.

Neste trabalho, entretanto, serão utilizados os conceitos de Charles Bazerman (2006b) que prioriza o estudo dos gêneros textuais. Para o autor, os

textos são criados a partir de outros textos que estão a nossa volta. A intertextualidade caracteriza-se, dessa forma, como “as relações explícitas ou implícitas que um texto ou um enunciado estabelecem com os outros textos que lhes são antecedentes, contemporâneos ou futuros (em potencial)” (Bazerman, 2006, p. 93).

Ainda segundo Bazerman (2006, p. 92-96), é possível identificar seis níveis de intertextualidade: um texto remete a textos anteriores, usados como valor nominal; a presença de um intertexto explícito relacionado a temas sociais; a intertextualidade explícita representada por declarações ou citações; o texto-fonte é um provérbio ou frase feita, facilmente identificável pelo leitor; a utilização de recursos linguísticos disponíveis; e, as técnicas de representação intertextual, o alcance intertextual e a recontextualização.

Embora a classificação de Bazerman permita um estudo amplo e detalhado no campo da intertextualidade, aqui serão analisados e exemplificados os itens que correspondem à presença de uma fonte específica percebida como senso comum e a recontextualização, no caso das charges, e a utilização de recursos linguísticos disponíveis, ao tratar-se dos cartuns, considerando-se que, em todos os exemplos ocorre efetivamente a presença de um texto em outro texto.

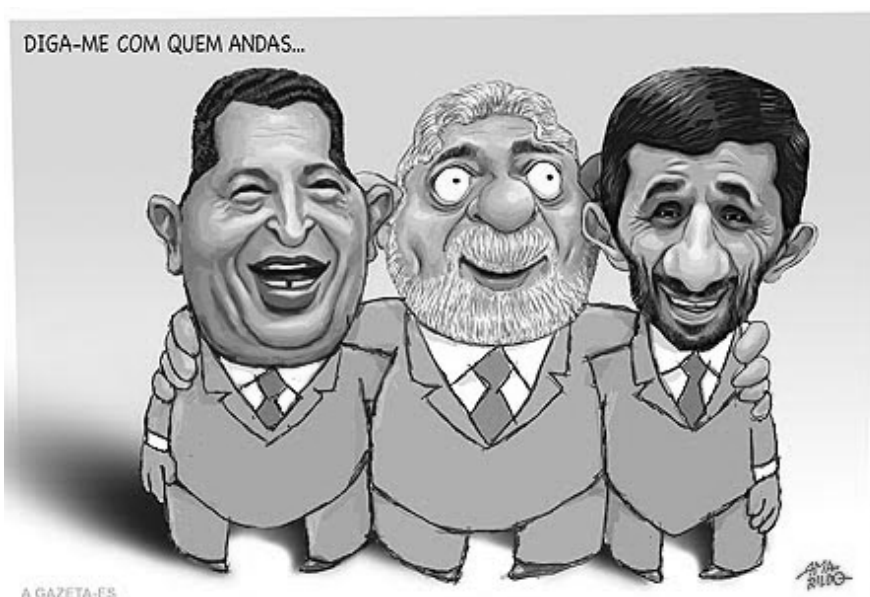


Figura 3. A Gazeta/ES

O humor e a crítica estão bem definidos na figura 3 e correspondem ao pensamento de Bazerman sobre a intertextualidade implícita, que se origina em crenças ou idéias familiares ao leitor e tem como texto-fonte um provérbio ou frase feita. A relação entre o atual presidente do Brasil e os presidentes da Venezuela e do Irã, respectivamente, causa certo desconforto à sociedade brasileira e à comunidade internacional em função de ambos adotarem medidas que comprometem a democracia e a paz mundial.

Amarildo, autor da charge, critica a aproximação do presidente brasileiro com os representantes da Venezuela e do Irã, sugerindo, pelo início do provérbio “Diga-me com quem andas...”, que a companhia deles pode influenciar o comportamento do governante do Brasil. Dependendo do grau de entendimento do interlocutor, é possível interpretar que o presidente já vem agindo de maneira semelhante a eles. Nas duas leituras, cabe ao leitor completar o provérbio, aceitando, dessa forma, a proposta do chargista.

Na figura 4 encontra-se o que Bazerman denomina de recontextualização, ou seja, o uso de palavras ou texto em contexto diferente.



Figura 4. O PASQUIM 21. 36ª sem. de 2003 (set) p. 6

Neste caso, as palavras de Jesus Cristo dirigidas a Deus: “Pai, por que me abandonastes” (Mt, 27, 46), que fazem parte de um contexto ligado à tradição religiosa, retrata a angústia do filho abandonado pelo pai divino para redimir o homem do pecado, mesmo não sendo pecador. Na charge em questão, o chargista retoma o texto bíblico em que alguns aspectos caracterizam a recontextualização. Em primeiro lugar, a imagem do Cristo crucificado é substituída pela do presidente que vinha enfrentando derrotas ao tentar implantar reformas no governo, o que define a mudança de cenário – do religioso para o político.

O presidente, assim como Jesus, sofria não somente com descrédito dos setores governamentais, mas também de uma grande parcela da população brasileira. Entretanto, tal situação não justificaria a crença da personagem de que acima dele, somente Deus, ignorando que fora eleito por meio do voto popular e a ajuda das alianças que se firmaram para a efetivação de seu mandato.

Se considerado apenas o aspecto religioso, a charge em questão é perfeitamente compreensível, na medida em que todos são filhos de Deus. Porém, a impropriedade das palavras da personagem, que assume, de certa forma um caráter divino, gera a crítica e o humor. A crítica elaborada pelo chargista está presente na seqüência da fala do presidente “Não baixei as taxas, me tascaram as tachas”, ou seja, a personagem é crucificada por não atender aos interesses da sociedade, prejudicando-a. O leitor, consciente desse processo, acredita que a punição conferida ao presidente é justa e regozija-se com isso, tratando do assunto com humor.

A intertextualidade, nos termos de Bazerman (1996, p. 96), pode estar presente também no cartum. Segundo o autor, essa pode ocorrer quando se verifica o uso de certos tipos reconhecíveis de linguagem, de estilo e de gênero em que os textos evocam mundos sociais particulares onde as formas linguísticas são utilizadas como parte daqueles mundos.

No exemplo da figura 5, temos uma situação que caracteriza o cartum, uma vez que não apresenta personagens conhecidos no contexto social, porém ilustra um fato comum e de conhecimento geral. Percebe-se nesta ilustração um caráter universal, podendo esse ser considerado também uma característica do gênero ora analisado, pois onde for veiculado será interpretado pelo leitor de maneira clara.



Figura 5: O PASQUIM 21, n. 77 26/8/03

Adequando-se a mensagem do cartum ao conceito formulado por Bazerman, percebe-se que o cartunista contrasta dois universos profissionais: o da prostituição e o dos negócios. O tom imperativo e autoritário usado pela personagem “Me faz uma nota em nome da Indústria de Sucos S.A...” demonstra como muitos executivos tratam seus subordinados e realça a posição de submissão em que se encontram algumas mulheres, independente de sua profissão. Outro aspecto a ser ressaltado no cartum de Varela é marca linguística própria do mundo empresarial – a menção da palavra nota.

Varela, ao estabelecer a crítica, não chama a atenção somente para as relações de poder, mas também para a banalização da emissão de notas fiscais, que deveriam comprovar despesas realmente necessárias. Outro aspecto a ser ressaltado é a legalização da prostituição, pois ao fornecer a nota, a profissional, obrigatoriamente, terá de pagar impostos, ou será acusada de sonegação fiscal.

CONCLUSÃO

Conforme mencionado no início deste trabalho, os gêneros textuais vêm sendo objeto de estudos constantes, porém muitos deles não foram ainda descritos e analisados. Neste sentido, pesquisadores vêm desenvolvendo novos estudos que não se limitam apenas à gramática, à coesão textual e à retórica, mas de maneira mais ampla abrangem os gêneros textuais.

Assim, depreende-se que a pesquisa e o ensino baseados em estudos de gêneros textuais poderão estimular o estudo da língua materna, e transformar um contexto destinado ao levantamento das diversas maneiras de manifestações orais e escritas. Desta forma, os estudantes podem perceber a realidade da qual fazem parte, situarem-se na cultura atual e reconstruir culturas de outras épocas.

Observa-se também que o tema aqui trabalhado serve tanto para a pesquisa acadêmica, quanto para aprofundar o conhecimento da Língua Portuguesa, pois os gêneros são fáceis de serem entendidos e proporcionam uma rápida absorção para os leitores.

Neste trabalho procurou-se mostrar que a análise do discurso, através do estudo dos gêneros textuais, favorece não somente o aprendizado da língua materna. Mais do que isso, contribui para situar o sujeito no universo da linguagem, conscientizando-o da realidade social, política e cultural da qual faz parte e levando-o a praticar o exercício da cidadania de forma responsável. Dessa forma, entende-se que a relação estabelecida entre o humor e a política nos gêneros aqui estudados implica numa participação dialógica, em que o leitor, construtor de sentido, torna-se apto a debater ideias e administrar o jogo político na sociedade.

REFERÊNCIAS

A GAZETA/ES. Disponível em www.amarildo.com.br Acesso: 12 maio 2010.

ALMEIDA, F. A. **Linguagem e humor:** comicidade em Les frustés, de Claire Bretécher. Niterói: EdUFF, 1999.

BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita.** São Paulo: Cortez. 2006

BIBLIA SAGRADA: **Nova versão internacional.** (Trad.) Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

BRANDÃO, H. N. **Gêneros do discurso na escola:** mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez. (Coleção aprender e ensinar com textos; v. 5)

BRONKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos.** São Paulo: EDUC, 1999.

CHARGE. In: **Novo Manual Redação da Folha de São Paulo.** São Paulo: Editora Folha de São Paulo, 5 ed. 1992.

DIONÍSIO, A.P. et al. **Gêneros Textuais e Ensino**. RJ: Lucerna, 2002.

Charge. In: NOVO MANUAL REDAÇÃO DA FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Editora Folha de São Paulo, 5 ed. 1992.

GURGEL, N. **A charge numa perspectiva discursiva**. Disponível em: <http://www.lettras.puc-rio.br> Acesso em 05 maio 2010.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva. 1974.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros Textuais e Práticas Discursivas – Subsídios para o ensino da linguagem**. São Paulo: EDUSC, 2002.

NERY, L. **Charge: Cartilha do mundo imediato**. Disponível em: <http://www.unir.br> Acesso em 05 maio 2010.

MARCUSCHI. L.A . “Gêneros Textuais: definição e funcionalidade”. In: Dionísio, A.P., Machado A.R., Bezerra, M.A.(orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna. 2002

MOURA, D. **O que é Cartum?** Disponível em: www.riopreto-in-net.com.br Acesso em 05 maio 2010.

O PASQUIM 21. 36^a sem. de 2003 (set), p. 6.

O PASQUIM 21 n. 75, 26 de agosto de 2003.

PAGLIOSA, E.L.B. **Humor: um estudo sociolinguístico cognitivo da charge**. Porto Alegre: EDIPCRS, 2005.

PATATI, C; BRAGA, F. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

RABAÇA, C A. BARBOSA, G.G. **Dicionário de comunicação**. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/18592221/Dicionario-de-Comunicacao>. Acesso 12 maio 2010.

SILVA, J.Q. “Gênero discursivo e tipo textual”. In: **Scripta. Lingüística e Filologia**. (Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC-Minas). Belo Horizonte, MG: PUC-Minas. Vol.2, no. 4, 1999.

SILVA, C L M. **O trabalho com charges na sala de aula**. Pelotas:UFRGS, 2004.

VASQUES, Edgar. **O Interior**, 1985.